

ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS E COMPILAÇÃO DE FONTES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA DA AMÉRICA ANTERIOR À CONQUISTA EUROPEIA¹

Sara Kelly de Souza Silva²

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende dissertar sobre o projeto “Análise de livros didáticos e compilação de fontes para o ensino de História da América anterior à conquista europeia”, vinculado ao programa de licenciaturas - PROLICEN - da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Nossa pesquisa foi orientada pelo professor do departamento de História da UFPB, Tiago Bernardon de Oliveira, e desenvolvida ao longo do ano de 2015. Sendo assim, pretendemos esboçar as diretrizes, justificativas, metodologia e resultados de nossa pesquisa a fim de congregar nossas experiências sobre ensino de história da América anterior a 1492.

As inquietações acerca da necessidade de se abordar no ensino questões relacionadas a uma História indígena relativamente autônoma, ou seja, sem necessariamente estar relacionada ao processo de colonização europeia, foram brotando a partir de estudos da disciplina História da América I do curso de Licenciatura Plena em História da UFPB, ministrada pelo coordenador deste projeto no período letivo 2014.2. As dificuldades de trabalhar com esse tema foram, primeiramente, assinaladas pela (ainda) escassez de historiadores/as especialistas nesta área no Brasil, e por reflexões acerca de práticas historiográficas e do ensino de História. Nesse contexto, nos dedicamos também a compreender a necessidade de potencializar a consciência histórica através do ensino de História, a fim de contribuir na reflexão relacionada à superação do etnocentrismo na historiografia e na construção da história e de seu ensino.

Sobre o contexto educacional do Brasil, Santos (2005) nos diz que foi construída uma falácia acerca da escassez de fontes que permitam análise sobre o desenvolvimento dessas populações. A prova disso é a vasta bibliografia acessível que trata dos povos indígenas nos períodos Pré-hispânico, Colonial e Independente. Além disso, o trabalho de antropólogos e arqueólogos tem expandido o espectro de fontes com possibilidade de leituras histórico-social; sendo esses profissionais os pioneiros em pesquisas desse campo no Brasil.

É evidente que uma série de fatores auxilia na falta de contato com a História dos povos nativos das Américas, como a herança europeia de educação e os poucos recursos para a ampliação e melhoramento da educação básica na América Latina. No entanto, segundo Fragoso (2014), a catalogação dos grupos indígenas de acordo com estágios evolutivos, largamente presente até o início do século XX, esteve emparelhada com o exercício das políticas coloniais no Brasil. O tratamento dispensado pelo Estado às populações indígenas está diretamente relacionado com a ausência de participação política democrática das populações indígenas na América e no acesso deficitário às políticas públicas estatais.

Por isso, com a liberdade jurídica alcançada é preciso defender a veiculação do conhecimento científico, contrário às afirmações perniciosas e mitificações, como a ideia do índio preguiçoso ou do *bon sauvage*³. Afirmações essas, que servem para perpetuar, mesmo que inconscientemente, injustiças executadas contra minorias vulneráveis.

METODOLOGIA

¹ Professor orientador Tiago Bernardon de Oliveira, vinculado ao departamento de História da UFPB, coordenador do projeto “Análise de livros didáticos e compilação de fontes para o ensino de História da América anterior à conquista europeia” no Programa de licenciaturas - PROLICEN - da mesma instituição.

² Graduanda em História na UFPB.

³ Do francês, “bom selvagem”.

O projeto gira em torno do ensino de História das populações nativas da América em um recorte temporal anterior à colonização europeia. Com esse enfoque, temos duas frentes de trabalho: analisar as narrativas, imagens, atividades, sugestões de pesquisa e outros recursos dispostos nos livros didáticos da rede pública de ensino do município de João Pessoa e da rede estadual da Paraíba; e pesquisar e compilar possíveis materiais didáticos para o ensino de História na educação básica, como por exemplo, livros paradidáticos e recursos audiovisuais.

A primeira etapa do nosso cronograma de execução do projeto refere-se ao levantamento de referências e análise de livros didáticos. Sobre esta última, é fundamental analisar criticamente como as populações nativas da América são (e se são) retratadas nos livros didáticos, percebendo a quantidade e a qualidade do conteúdo dispensado a esse tema. Também é importante atentar ao modo como as populações indígenas são retratadas ao longo dos outros temas de História do Brasil, História da América e História geral.

Concomitantemente, para subsidiar essas reflexões, se fez uso da atualização de estudos e obras de caráter acadêmico na última década, que consistem em reflexões acerca do avanço dessas questões entre historiadores e cursos de formação de professores de História no Brasil. Por fim, se buscou fazer um levantamento de materiais de estudo e fontes produzidas por sociedades nativas da América que pudessem ser utilizadas em sala de aula, nas práticas do Ensino Básico. Neste procedimento, constatou-se que, especialmente nos últimos dois anos, há uma série de iniciativas semelhantes desenvolvidas em várias universidades e grupos de pesquisa e ensino do país.

O principal foco deste projeto foi a Educação Básica, porém as atividades também levaram em conta questões relacionadas ao tema no Ensino Superior, notadamente na formação de professores de História na UFPB. Assim, a bolsista acompanhou sistematicamente as discussões travadas nas aulas da disciplina de História da América I durante o período letivo 2015.1, tanto do curso extensivo quanto do curso do Programa Nacional de Educação da Reforma Agrária (PRONERA), ambos de Licenciatura em História. O acompanhamento e reflexão crítica das aulas tornaram-se laboratórios em potencial para constatar as dificuldades em encaminhar debates e treinar a instrumentalização didática que vínhamos desenvolvendo neste projeto.

Ao longo de nossa pesquisa, constatamos tanto a vastidão do campo de trabalho quanto o desconhecimento generalizado sobre o tema. Por outro lado, registramos uma série de esforços que vem sendo feito no país com vistas a superar essa situação. Neste sentido, o presente trabalho desenvolveu algumas considerações como resultados de pesquisa, que visam somar-se aos esforços que têm sido feitos em todo o país para encaminhar a superação dessa falta de atenção à História indígena e a progressiva incorporação da mesma nos sistemas educacionais brasileiros.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma observação rápida dos cursos de graduação em História e do seu ensino nas séries do Fundamental e Médio seria suficiente para a constatação da escassez de disciplinas voltadas para o estudo das Américas. Menos ainda para o estudo das Américas pré-colombianas. Quando estudados, os povos nativos do continente citado são frequentemente relacionados aos processos e instituições de origem europeia, como o tráfico de mercadorias, evangelização ou surgimento dos Estados-nações americanos. Não há destaque para sua formação, desenvolvimento e consolidação *per si*.

Na educação básica, os recortes temáticos são visivelmente menos abrangentes e mais superficiais se comparados aos do ensino superior, seja devido às limitações de tempo ou

complexidade dos assuntos. Mesmo assim, percebemos a contínua superação da ausência de capítulos em livros didáticos do Ensino Básico exclusivos para o estudo de grupos nativos americanos, mesmo que esta falta ainda constatada em parte do material aqui pesquisado.

Nesse contexto, nós trabalhamos com cinco coleções de História dedicadas ao Ensino Fundamental II:

Saber e Fazer História⁴: analisamos o livro do 7º ano desta coleção, no qual há um capítulo intitulado ‘Povos indígenas’, em que o autor trabalha a concepção dialética da História assinalando a complexidade e interação entre diferentes temporalidades e o uso da História nas relações sociais de poder. A abertura do capítulo debate as festas, organizadas pelo Estado brasileiro, de comemoração dos 500 anos da chegada dos portugueses no território que compõe hoje o Brasil, e a luta empreendida dos povos indígenas e outros setores populares contra o sentido oficial empregado nessas festividades. A partir daí os autores destrincham sobre a diversidade das populações nativas do Brasil (inclusive com mapas), com forte enfoque nos povos tupis e suas descendências, e finalizam sobre a relação com o Estado brasileiro e a luta do movimento indigenista na atualidade. Outro capítulo desta unidade é dedicado às civilizações Mexica, Incas e Maia e traz uma análise sobre a conquista da América. Contudo, acaba seguindo a regra geral de fazer a História indígena desembocar no processo de colonização, tratando-a sempre *em relação* a um processo histórico, cujo principal “sentido” acaba sendo sempre conferido aos movimentos centrados na Europa.

Leituras da História⁵: No livro indicado para o 6º ano, está um capítulo intitulado ‘A América durante a antiguidade (3000 a. C.-450 a. C.)’. Nesse título, percebemos que o autor considera a História americana desde a Antiguidade e reserva um capítulo do seu livro para debater sobre esse tema; sendo este fato de dada relevância à superação da ignorância atual sobre História da América. Neste contexto, o sentido de História antiga se amplia para além do norte da África, Oriente Médio e região do Mediterrâneo; e neste livro, permeia o extremo Oriente e a América.

Em seguida, constrói um *link* com a formação de grupos humanos mais complexos e começa a falar sobre os Olmecas e Zapotecas da atual América central; fazendo uso de mapas e figuras para ilustrar o tema, o autor explana sobre o desenvolvimento da escrita, as esculturas de pedra feitas por esses povos e a importância da agricultura nessas sociedades. Sobre a América do Sul, o autor discorre sobre a sociedade Norte Chico e a Chavín, fazendo uma breve explanação sobre elas. Usando do recurso historiográfico da comparação, o autor lembra que as pirâmides de Gizé no Egito, construídas entre 2600 a. C. e 2500 a. C., são contemporâneas das pirâmides de Caral no oeste do atual Peru, datadas do séc. XXVII a. C. Finalizando o capítulo, o autor elabora atividades com textos, figuras e questionamento para incentivar o processo de ensino-aprendizagem.

O próximo livro da coleção, o 7º ano, assim como a maioria dos analisados em nosso projeto, é o que traz mais informações sobre os grupos ameríndios. Neste livro, o autor traz o capítulo ‘O continente americano (séculos XV-XVI)’. Começa dissertando sobre os povos da Antiguidade americana, como os povos de Norte Chico e os Olmecas; sendo assim, mantém uma linha cronológica com os temas tratados no livro anterior (5º ano) que discute a Antiguidade na América. A partir daí o autor explana sobre os Astecas, Maias, o Império do Deus Sol, os Tupi-Guarani e completa a explanação falando sobre os sistemas numéricos produzidos na América. Há em toda a coleção um vocabulário de apoio e alguns *links* de curiosidades e questionamentos; neste capítulo não é diferente. Para concluir o capítulo, o autor propõe algumas leituras complementares e atividades de debate dos temas, sendo em

⁴ COTRIM, Gilberto e RODRIGUES, Jaime. **Saber e fazer História**. São Paulo: 7 ed., Editora Saraiva, 2012.

⁵ CARDOSO, Oldimar. **Leituras da História**. São Paulo: Escala educacional, 2012.

sua maioria exercícios interativos, como por exemplo, a construção de um quipu (objeto de contabilidade inca) e construção de mapas.

Projeto Araribá História⁶: no primeiro livro, destinado a 5ª série, há uma unidade inteiramente dedicada ao povoamento da América. Nos primeiros e segundos capítulos da mesma, o livro se debruça sobre a pré-história da América e começa a discorrer sobre os primeiros agrupamentos humanos sedentários. O terceiro capítulo da unidade discute sobre a chegada dos seres humanos na região do atual Brasil e o quarto capítulo fala sobre os modos de vida dos primeiros habitantes do Brasil (os povos sambaquieiros, os coletores-caçadores-pescadores e os agricultores). O quinto capítulo, intitulado ‘A arte da cerâmica e as moradias’, discorre sobre a olaria no Brasil e os modos de vida de alguns grupos desse território. Contudo, percebemos uma considerável abstração espacial e temporal que pode prejudicar a fixação dos temas debatidos.

O livro seguinte da coleção, direcionado a 6ª série, possui uma unidade intitulada ‘O encontro de dois mundos’. Na abertura da unidade, o livro faz uma analogia entre a estranheza de um possível encontro entre seres humanos e extraterrestres e entre os europeus e americanos no século XV. Esse dispositivo didático é bem utilizado e fica bom aliado à análise das figuras expostas e questões que provocam o debate. No entanto, o termo ‘*encontro*’ está em discussão pela historiografia⁷ e precisa ser problematizado, pois tem um tom de ludicidade que dá a noção errada de que a invasão europeia na América foi um processo de junção e justaposição entre grupos humanos.

A seguir, o quinto capítulo desta unidade, ‘América: terra de grandes civilizações’, se propõe a discutir sobre diversidade cultural, no entanto, foca suas análises sobre as três maiores civilizações americanas. As explanações e debates contidos nesses capítulos são de considerável relevância para o estudo dessas sociedades e trazem informações diversas sobre a organização social, econômica e política.

Contudo, percebemos que os capítulos dedicados à História da América antes da conquista europeia estão intimamente ligados aos da conquista e as problematizações feitas estão, em imensa maioria, relacionadas a esse processo.

Projeto Radix - raiz do conhecimento História⁸: os temas de História da América antes da conquista europeia estão todos reservados ao primeiro livro da coleção, desde os primeiros povoamentos até às vésperas da conquista.

Nesse sentido, o segundo módulo do livro se divide em dois capítulos, ‘O povoamento da América’ e ‘Os indígenas no Brasil’. O autor explica os debates em torno das datações e possíveis rotas de chegada das primeiras levas de seres humanos na América e depois faz um apanhado geral sobre os primeiros grupos semissedentários ameríndios, auxiliado por mapas, linha do tempo e figura de pintura rupestre.

Após uma breve explanação sobre a pré-história brasileira, o autor se propõe a estudar a História de alguns povos indígenas que viveram e vivem no Brasil; em sua abertura, expõe várias imagens de comunidades indígenas e incita a comparação entre estas e aspectos da vida cotidiana dos/as alunos/as. O primeiro ponto posto em discussão é a diversidade dos povos do território brasileiro, sendo aberto pelo tópico ‘Quando começou a nossa história?’ e a discussão sobre a historicidade das noções indígenas. A última seção do capítulo, ‘Lendo textos’, traz uma adaptação de manchete da revista *Época* de 2011 sobre o grupo de etnias indígenas Guarani-Kaiowá do Mato Grosso do Sul, propondo um exercício dialético de história e cidadania.

⁶ **Projeto Araribá: História**. Obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna. São Paulo: Moderna, 2006.

⁷ FRAGOSO, João. **O Brasil colonial: volume 1**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, p. 168.

⁸ VINCENTINO, Cláudio. **Projeto Radix - raiz do conhecimento - História**. São Paulo, 2ª ed., Editora Scipione, 2013.

Estudar História – Das origens do homem à era digital⁹: o primeiro livro da coleção, dedicado ao 6º ano, tem um capítulo dedicado à pré-história americana. A abertura do capítulo é composta por uma representação da fabricação da cerâmica Marajoara, acompanhada por indagações sobre o povoamento da América e uma breve explanação sobre o modo de vida dos povos marajoaras do Brasil pré-histórico. Essa apresentação possibilita entender a pré-história como algo além de dinossauros e “homem das cavernas”, mas também como uma época de organização de grupos humanos no Brasil, surgimento e desenvolvimento da cultura e da arte, uma época de surgimento de grande parte das nações indígenas que viveram no território brasileiro.

Nesse sentido, a autora segue o capítulo discutindo os modos de vida dos povos americanos. Traz uma explanação bem didática sobre os sambaquis e a agricultura; dissertando sobre o processo de sedentarização, desenvolvimento da olaria (cerâmica) e das tecnologias em geral; pontuando as mudanças graduais possibilitadas pela ampliação das tecnologias e sociabilidades dos povos americanos.

Em quase todos os capítulos dos livros desta coleção a autora traz uma seção de análise sobre uma sociedade ou tema diferente do tratado no capítulo a fim de relacionar acontecimentos contemporâneos, o mesmo se intitula ‘Enquanto isso...’. No livro do 6º ano, há duas seções dedicadas a América: a primeira no capítulo ‘Mesopotâmia e Egito’ e a outra no capítulo ‘A civilização grega’, respectivamente sobre a civilização Caral e o Império Chavín.

No próximo livro da coleção, o 7º ano, há um capítulo intitulado ‘A América pré-colombiana’ que pretende discutir sobre a formação das três principais civilizações americanas anteriores a invasão europeia, os povos autóctones do Brasil e as nações indígenas norte-americanas; composta por textos acessíveis e diversos outros recursos didáticos como imagens, mapas, seções especiais e conexões com a atualidade.

Depois então, o livro se debruça sobre as populações ameríndias do Brasil, dedicando-se quase exclusivamente aos Tupis, citando os povos Jês, Arauaque e os Caraíbas, localizando-os em mapas. A autora disserta sobre a organização socioeconômica das comunidades, a religiosidade indígena, a tradição antropofágica e o papel social da guerra; utiliza mapas, figuras, fotos atuais e indica o filme *Hans Staden* para discussão em sala de aula. Mesmo tendo um desenvolvimento um pouco simplório, esse tópico é finalizado de modo a fazer a conexão entre o estudo de História, formação cidadã e papel social do indivíduo.

Em síntese, percebe-se uma melhora significativa na quantidade e qualidade do conteúdo sobre história da América antes de 1492 nos livros didáticos atuais se comparados às produções de anos anteriores. Mesmo havendo diversas barreiras ainda para serem superadas, podemos concluir que muito se avançou nos últimos anos, inclusive em termos legais (lei 11.645/08), na pesquisa e no ensino de História indígena, estando esses avanços refletidos nas obras didáticas de nossa pesquisa.

Outra importante fonte para indicar caminhos de pesquisa e ensino, foi o livro *Ensino (d)e História Indígena*, organizado por Luisa Wittmann (Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015). A obra traz indagações sobre a historiografia brasileira dedicada às sociedades nativas da América, pontuando as críticas sobre as perspectivas teleológicas, os termos pejorativos e os estudos da corrente da “Nova História Indígena”, que tendem a criticar e superar obstáculos para além da academia, dentre eles, pontualmente, a força do agronegócio que incide sobre o sistema educacional e impede a reforma agrária e a demarcação das terras indígenas no Brasil.

⁹ BRAICK, Patrícia Ramos. **Estudar História – Das origens do homem à era digital**. São Paulo: Editora Moderna, 2011.

Além disso, o livro traz a experiência em primeira pessoa de um professor de História que articulou um projeto na aldeia Kadiwéu (Pantanal brasileiro) para desencavar histórias da comunidade através dos/as alunos/as e, assim, construir um ensino de História na qual os/as educandos/as se vissem como sujeitos históricos. Além disso, o livro também traz propostas de atividades, filmes, livros, músicas e outros meios com potencial uso didático. Conteúdo semelhante encontra-se também no livro de Pedro Cesarino, *Histórias indígenas dos tempos antigos* (São Paulo: Claro Enigma, 2015), que traz alguns contos indígenas ilustrados e fontes em potencial para pesquisa acadêmica.

Nossas pesquisas também encontraram sítios eletrônicos com materiais didáticos muitos interessante e de grande valia para o ensino de História. Entre eles temos o site do *Projeto América indígena: cultura histórica e ensino de História*. Nesse espaço estão publicações, materiais didáticos, fontes históricas e resultados de pesquisas e orientações pedagógicas de um projeto desenvolvido no Laboratório de Ensino de História (LABEH) da Universidade de Brasília (UnB), desde 2009.

Analizamos também o site do grupo Índio Educa. Com o apoio da ONG Thydewá, este sítio eletrônico nasceu em 2011, com o compromisso de disseminar uma nova concepção sobre os povos indígenas, através de tópicos de discussão como, por exemplo, história, cultura e uma ala sobre ensino de história.

CONCLUSÕES

O projeto exposto neste artigo se propôs a ser uma iniciativa no campo de pesquisa sobre ensino (d)e História Indígena relacionado à formação de professores de História na UFPB. Neste processo, fomos nos deparando com diversos historiadores e professores brasileiros que, nos últimos anos, vêm se dedicando a pensar, pesquisar e escrever sobre o tema, até mesmo como forma de resistência contra as forças dominantes e hegemônicas na academia, nos campos e florestas do Brasil e do conjunto da América Latina.

Percebemos que os livros didáticos analisados seguem uma regra geral de trabalhar com as grandes civilizações americanas e com os povos brasileiros. Alguns autores trazem outros temas como as populações ameríndias da América do norte e os povos de Caral. Também podemos perceber a forma mais preciosa como alguns autores tratam o tema, primando pela conexão passado-presente e tornando os conteúdos mais interessantes.

Neste sentido, os resultados aqui apresentados nos abre um campo de trabalho amplo e importante a ser desenvolvido, ao passo que o saber histórico pode servir tanto para legitimar a subjugação dos povos ameríndios – como fez parte da historiografia tradicional, ao recusar a agência histórica das comunidades nativas –, quanto pode ser um instrumento que contribua para a resistência e luta social pelos direitos historicamente negados a esses povos, pois a elaboração da História Indígena perpassa o reconhecimento da cidadania dos grupos que compõe a América Latina.

REFERÊNCIAS

- BANIWA, Gersem. A conquista da cidadania indígena e o fantasma da tutela no Brasil contemporâneo. In: RAMOS, Alcida Rita (org.). **Constituições nacionais e povos indígenas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p. 206-227.
- BERNAND, Carmen e GRUZINSKI, Serge. Antes da invasão. In: **História do Novo Mundo: da descoberta à conquista, uma experiência europeia (1492-1550)**. São Paulo: 2.ed., Editora da Universidade de São Paulo, 2001, p. 21-64.

BRAICK, Patrícia Ramos. **Estudar História – Das origens do homem à era digital**. São Paulo: Editora Moderna, 2011.

CARDOSO, Oldimar. **Leituras da História**. São Paulo: Escala educacional, 2012.

CESARINO, Pedro. **Histórias indígenas dos tempos antigos**. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

COTRIM, Gilberto e RODRIGUES, Jaime. **Saber e fazer História**. São Paulo: 7 ed., Editora Saraiva, 2012.

FAUSTO, Carlos. **Os índios antes do Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FRAGOSO, João. **O Brasil colonial: volume 1**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

GRUZINSKI, Serge. **Virando séculos: 1480-1520 – As origens da globalização**. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 1999.

MARRERA, Fernando Milani e SOUZA, Uirys Alves. **A tipologia da consciência histórica em Rüsen**. Revista Latino-Americana de História, Vol. 2, nº. 6, p. 1069-1078, 2013.

PEREGALLI, Enrique. **A América que os europeus encontraram**. São Paulo: 13.ed. rev. e atual, Atual, 1994.

Projeto Araribá: História. Obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna. São Paulo: Moderna, 2006.

SANTOS, Eduardo Natalino dos. **Da importância de pesquisarmos história dos povos indígenas nas universidades públicas e de analisarmos no ensino médio e fundamental**. Revista Eletrônica da ANPHLAC, n. 4, p. 35-45, 2005.

VINCENTINO, Cláudio. **Projeto Radix - raiz do conhecimento - História**. São Paulo, 2ª ed., Editora Scipione, 2013.

WITTMANN, Luisa Tombini (org.). **Ensino (d) e História Indígena**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

WOLF, Eric. R. **A Europa e os povos sem história**. São Paulo: EDUSP, 2005.

Sítios eletrônicos

Rede Índio educa: <http://www.indioeduca.org/>

Projeto América indígena: cultura histórica e ensino de História:
<http://www.americaindigena.com.br/>